

Inspirar-se à luz da inteligência divina: superar a entropia e a contingência no reino¹

ODIRLEI ARCANGELO LOVO

Professor na universidade Federal de Rondônia
Doutor em Teologia: Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Mestre em Administração
Bacharel em Ciências Contábeis

Resumo

O agir humano em esponsalidade com o Criador, possibilita administrar o reino e a participar da luz da inteligência divina. O ser humano se move à plenitude do reino, ao administrar kairoslogicamente, as necessidades, as possibilidades e os subsídios. Pontua-se a necessidade de oração, para que, entre súplicas e ações, se possa administrar a obra de Deus, revelando ao ser humano sua humanidade. Narrar o ser humano como o administrador e o cocriador, segundo as dimensões de sociabilidade, de economicidade e de parentalidade, é base para que o ser humano possa agir e participar da inteligência divina. Administrar e cocriar a obra de Deus à Sua imagem e semelhança, é ser o ato administrativo de Deus, na Criação em desenvolvimento.

Palavras-chave: Ação humana. Ação de Deus. Esponsalidade. Essência Administrativa. Cocriação.

Abstract:

Human action in responsibility to the Creator makes it possible to administer the kingdom and to participate in the light of divine intelligence. The human being moves to the fullness of the kingdom, by administering kairoslogically, the needs, possibilities and subsidies. The need for prayer is pointed out so that, between supplications and

¹ Be inspired in the light of divine intelligence: overcome entropy and contingency in the kingdom / Inspírate a la luz de la inteligencia divina: supera la entropía y la contingencia en el reino

actions, the work of God can be managed, revealing his humanity to humanity. Narrating the human being as the administrator and co-creator, according to the dimensions of sociability, economy and parenting, is the basis for the human being to act and participate in divine intelligence. To manage and co-create the work of God in His image and likeness, is to be the administrative act of God, in the creation in development.

Key-words: Human action. God's action. Spousality. Administrative Essence. Co-creation.

Resumen:

La acción humana en responsabilidad con el Creador hace posible administrar el reino y participar a la luz de la inteligencia divina. El ser humano se mueve hacia la plenitud del reino, administrando kairioslogicamente, las necesidades, posibilidades y subsidios. Se señala la necesidad de orar para que, entre súplicas y acciones, la obra de Dios se pueda gestionar, revelando su humanidad a la humanidad. Narrar al ser humano como administrador y cocreador, de acuerdo con las dimensiones de la sociabilidad, la economía y la paternidad, es la base para que el ser humano actúe y participe en la inteligencia divina. Administrar y cocrear la obra de Dios a su imagen y semejanza, es ser el acto administrativo de Dios, en la creación en el desarrollo.

Key-words: Acción humana. La acción de Dios. Responsabilidad. Esencia administrativa Co-creación

INTRODUÇÃO

O agir humano é oração, esponsalidade com o Criador, administrar e cocriar a obra de Deus é valor inalienável a vida humana. É necessário enfrentar os desafios, a contingência e a entropia para que a pessoa seja agente ativo na obra de Deus, a criação em desenvolvimento. Essa é uma narrativa que tem por finalidade suscitar reflexões sobre a necessidade de superar as formalidades e as ritualidades religiosas e adentrar ao mistério de amor e esponsalidade com o Criador que suscita a vida e a vivência cotidiana cristã.

Propõe-se a apresentar o ato humano, bem como sua relação com a razão, a entropia e a contingência do Reino. Pontua-se que, o ser humano é chamado/mandado sob uma realidade preexistente. Todavia, o ser humano está conexo a esta realidade e mediante o trabalho, o ato humano é um agir na realidade, e ao mesmo tempo, na edificação de si, enquanto personalidade e identidade no reino de Deus.

Há, entre a razão humana e a *práxis* humana, diferenças substanciais, fato que apresenta o ser humano à realidade, em que a Criação de Deus possibilita ao humano ser o administrador e cocriador. Isso implica dizer que, o ser humano está edificando-se, como obra de Deus, criação em desenvolvimento.

O ser humano é edificado do *húmus* da terra para ser o *húmus da Criação*, neste sentido, a pessoa é, em esponsalidade com o Criador, o administrador da obra de Deus, o responsável por cultivar e guardar o jardim, e a ser fecundo e proliferar sua espécie à imagem e semelhança de Deus. Apresenta-se, o ser humano administrador e cocriador da obra de Deus, sugerindo que as dimensões de sociabilidade, de parentalidade e de economicidade são os alicerces para que o ser humano possa realizar a missão que constitui sua própria vida.

O ser humano, deve prover o desenvolvimento da criação, em movimento amoroso, que consiste em estabelecer o equilíbrio entre as necessidades, as possibilidades e os subsídios que tem à disposição. Neste sentido, a Essência Administrativa é um Si de Deus que habita o íntimo humano e o possibilita o Dom primeiro para que possa ser pessoa, à imagem e semelhança de Deus.

A pesquisa formou-se na afirmativa, na associação e na inter-relação, metodológica, versando o limiar da Teologia e da Administração. Fazer, segundo a vontade de Deus – esponsalidade, significa administrar a criação e, por isso, há *práxis* teológica e, à medida que se faz teologia, compreende-se como administrar a Criação e, neste sentido, subentende-se que “a vida que Deus oferece ao homem, é um dom, pelo qual Deus participa algo de Si mesmo à sua criatura” (EV 34).

Eis que “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). Sendo dever do ser humano cultivar o jardim, insere-se o momento posterior, a necessidade de administrar e cocriar. Administrar e dar significado,

sentido e possibilidades ao que existe, avançando sobre o que não é possibilitado, mas que se alça em ser possibilitado, no futuro, pela ação humana, mediante a essência administrativa.

O humano sempre se *des-envolve*, mediante a essência administrativa e se torna ato administrativo de Deus na criação. Enseja-se que a esperança é constitutiva da ação necessária em perspectiva do reino esperançado, é preciso compreender que “a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável” (LS 116).

Diante do que se apresenta em epígrafe, procurou-se a elucidação de questões que estão relacionadas ao ser humano, vertendo-se a compreendê-lo como administrador da obra de Deus. Mediante os procedimentos metodológicos, conduziu-se às possibilidades, às interpretações e às informações, na afirmativa que “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” (BRUNER, 2002, p. 46).

A narrativa tem por finalidade explorar, aprofundar e dar respostas às particularidades, onde a realidade não pode, ou não deve ser quantificada, particularizando ainda que, “Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias” (CLANDININ e CONELLY, 2011, p.18). Para explorar o universo dos significados, das aspirações, das crenças, dos valores e *práxis* humana, utilizou-se, para a narrativa, dois núcleos fundamentais de dados, textos e informações, a saber: os documentos que constituem a (DSI) – Doutrina Social da Igreja; e os documentos que elucidam o projeto, a vivência e a dinâmica familiar, segundo a igreja católica. O uso desses dois núcleos tem por base, sua universalidade, isto é, são documentos que se destinam a toda a humanidade, diante dos dons de cada pessoa.

Cada um dos itens da pesquisa foi desenvolvido, tendo por base os textos/documentos apresentados. Como pontos de discernimento, pesquisou-se fontes/obras para dar às narrativas, sentido de diálogo, com fundamentações de teólogos que não estão inseridos nos dois núcleos apresentados. As obras foram escolhidas pelo próprio pesquisador, tendo como critério a afinidade com o texto, sendo este o critério metodológico para sua escolha.

1.1. AGIR HUMANO: ORA+AÇÃO

O agir mediante o reino esperançado por Deus, move o ser humano à contemplação ativa e em desenvolvimento. O ser humano vive a unicidade de súplicas (orar) e *práxis* (ação). O mandado/chamado de Deus ao ser humano, prospecta a pessoa ao universo da oração (ora+ação), de forma a compreender o ato da pessoa na contingência do reino esperançado à vida humana.

A esponsalidade com o Criador possibilita edificar o Reino, utilizando-se das forças contidas na Criação, sempre no diálogo com o Criador, ou seja, “cultivar e guardar o Jardim” (Gn 2,15), potencialidade pela qual a Graça propicia o Dom da essência administrativa que habita o íntimo humano.

A potência humana torna-se o ato administrativo e cocriador de Deus na criação, é o ser humano o correspondente do Criador, aquele que, em esponsalidade, administra a obra de Deus. Isso acontece porque os sentidos exteriores estão como sentinelas à essência administrativa, ou seja, compreendem a exterioridade e possibilitam a íntima, prudente e eficaz decisão para que mediante o agir humano, o Jardim continue fecundo e prolífero.

A esponsalidade com o Criador desperta o Si de Deus à vida humana, possibilita a essência administrativa, no dom da vida “*pela qual Deus participa algo de Si mesmo à sua Criatura*” (EV 34) e propicia ao ser humano participar “da luz da inteligência divina” (CDSI 129). Nesse sentido, a identidade humana só é possível porque “O mundo deve ser para os homens, pelo menos até certo ponto, *etsi deus non daretur*, ‘como se Deus não existisse’. Deus precisa ser uma divindade abscondita, oculta por sua criação” (BRAATEN, 1987, p. 37).

A essência administrativa sustenta a *práxis* humana que desenvolve a criação, enquanto reino de Deus. E, nesse sentido, Deus “precisa ser cognoscível, mas apenas por um modo de conhecimento que implique uma resposta livre da parte do homem, consistindo essa resposta em uma atividade interpretativa” (BRAATEN, 1987, p. 37).

A pergunta que paira é: — Mas quem é este, ser humano, *húmus* da terra, capacitado à esponsalidade com seu próprio Criador? A parentalidade é um projeto pelo qual se deve ajudar o ser humano “a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para uma maior justiça, formando-o desde o início, para relações interpessoais, ricas de justiça e de amor” (FC 2).

Essa é uma obra contingente e histórica e, por isso, em desenvolvimento; a edificação do “futuro que transcende todos os presentes recordados, experimentado e ainda para ser experimentados é que chamamos de *futuro escatológico*. Ele não deve ser entendido como *historia futura*, mas como o futuro da historia” (MOLTMANN, 1993, p. 194).

As relações humanas são pautadas sob o mistério de amor e desenvolvimento de si, do próximo e do reino, de tal modo que “se perguntar por que Jesus deveria ser o juiz final, a resposta é que Jesus é a essência daquilo que significa ser plenamente humano” (BRAATEN, 1987, p. 539). A Essência administrativa é *práxis* humana na criação, resultante da esponsalidade, fonte de correspondência entre o humano e o próprio Criador.

A *práxis* humana, mesmo que na contingência e entropia da criação, é como uma gota de água no oceano, mas é a gota de água sobre a qual Deus sustenta a continuidade de sua Obra, e sob os auspícios da parentalidade entende-se que o casal diz com Deus “Façamos o humano à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26),

Ao afirmarmos que os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção e geração de um novo ser humano, não nos referimos apenas às leis da biologia; pretendemos sobretudo sublinhar que, *na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente* de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração “sobre a terra”. (EV 43).

É sabido que, quando se fala de um ser/criatura, capaz de edificar a si mesmo e ao reino, fala-se de um ser que pode dar continuidade à *práxis*, por meio de sua capacidade de ser fecundo e multiplicar-se. E nesse sentido, a Teologia cristã explícita que “efetivamente, só de Deus pode provir aquela ‘imagem e semelhança’ que é própria do ser humano, tal como aconteceu na criação. A geração é a continuação da criação” (EV 43).

A continuidade da vida está alicerçada, sob o agir humano, o administrador e cocriador que possibilita sua continuidade na esponsalidade com Deus. Salienta-se que a razão de fazer, mesmo não tendo a possibilidade de plenitude, é reconhecer que há contingência no ato humano, é assumir-se não senhor do reino, mas um administrador da obra.

Consciente de que, à medida que novas coisas são cocriadas, a própria obra dará às coisas antigas ares de coisas históricas; o ser humano movimenta-se ao não possibilitado e entre súplicas e *práxis* (orar+ação) encontra na criação, seu próprio sentido de ser à imagem e semelhança de Deus.

1.2. CONTINGÊNCIA E ENTROPIA

O Espírito inspira no ser humano a esponsalidade da qual deriva a essência administrativa e possibilita a cada pessoa ser o ato administrativo de Deus na criação, “Depois de criar o homem, varão e mulher, Deus diz a ambos: ‘Enchei e dominai a terra’ (*Gn 1, 28*)” (CM 8).

Deus não confere ao ser humano, “só o poder de procriar para perpetuar no tempo o gênero humano, mas *confia-lhes também a terra como tarefa, comprometendo-os a administrar os seus recursos com responsabilidade*” (CM 8). Diante da contingência da obra, apresenta-se a entropia que inutiliza as coisas apresentando sua obsolescência, havendo, então, a necessidade de tornar a vida sempre nova.

Mediante a *práxis* humana de desenvolver novas coisas, um reino de plenitude é pensado, diante do efeito da entropia, o ser humano é incitado ao cuidado e desenvolvimento contínuo. Administrar é realidade humana, desenvolvida em qualquer ambiente/cultura, diante da ação que busca dar significado às coisas e pessoas.

O ser humano se vale da ciência, da presença e da potência para desenvolver suas tarefas e edificar a vida humana e “mesmo quando atua mediante um satélite ou um comando eletrônico a distância, o seu agir continua sempre humano, expressão de uma liberdade responsável” (CiV 70). É sob o agir responsável que o ser humano se torna o ato administrativo e cocriador de Deus; isso significa dizer que é Deus que vai, aos poucos, edificando a vida, mediante o próprio agir humano.

O ser humano esperança a superação da cronologia para a *Kairoslogia* da vida e vivência humana, na esponsalidade com o Criador. A cronologia propicia ao ser humano elevar-se a assertiva de que “A técnica seduz intensamente o homem, porque o livra das limitações físicas e alarga o seu horizonte” (CiV 70), no domínio do espaço/terra. Neste cenário surge a indagação: é prudente fazer o que

a razão imagina, mesmo sabendo que os atos não estão para a mesma sutileza e especificidade que a razão?

O humano é, então, um ser chamado à responsabilidade, sob a qual se constitui o livre-arbítrio, em que se fala da pessoa como o “Ser apto a tomar decisões conscientes e autocríticas, agir com base nestas decisões e assumir responsabilidades por elas – estas são as características das quais é composta a imagem de Deus em nós” (HEFNER, 1987, p. 328).

É na dinâmica do tempo e do espaço que o ser humano se vê diante da entropia e contingência da criação, é capaz de compreender que, “se todo acontecimento ocorre no tempo, então o próprio tempo não pode acontecer e, também, não pode estar sujeito a nenhuma alteração. Não é o tempo ‘que passa’, como se diz, mas tudo o que acontece ‘passa’ no tempo” (MOLTMANN, 1993, p. 171).

Há de se observar que o livre-arbítrio impulsiona para a liberdade, de um ser social; sendo assim, é sempre voltado para a responsabilidade sob a criação de Deus. Nesse sentido, é coerente afirmar que “*a liberdade humana só o é propriamente quando responde à sedução da técnica com decisões que sejam fruto de responsabilidade moral*” (CiV 70).

Versa-se sobre um reino em desenvolvimento, do qual o ser humano é administrador e, nesse sentido, Deus “criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade fazem parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador” (LS 80).

A Essência Administrativa é mais que uma técnica, mais que uma bússola orientadora que permite ao humano mover-se; é esponsalidade com o Criador, na dinâmica do próprio envolvimento e desenvolvimento. A essência administrativa é *práxis* de vida e vivência humana, que possibilita agir no amor. É o Dom com o qual o ser humano exerce o mandado/chamado a “cultivar e guardar o jardim” (Gn 2,15).

Habita o íntimo humano o Si de Deus, e “esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, ‘é a continuação da ação criadora’” (LS 80), dar continuidade à ação criadora de Deus é compreender que o ser humano é o administrador e o cocriador da obra de Deus, pois cada pessoa é concebida à Sua imagem e semelhança, para ser o ato administrativo Dele no mundo.

1.3. AGIR HUMANO NA CRIAÇÃO: COCRIAR E ADMINISTRAR

Toda pessoa é chamada, não a viver para um futuro, não a fazer coisas para o futuro, não a se sacrificar para uma recompensa futura, mas sim, a viver o presente, exercitando a capacidade de agir em esponsalidade, e tornar a vida cheia de esperança, e como dito, a esperança é constitutiva da ação necessária em busca da realização do que se esperança.

A vida humana é presente de expectativa, que esperança o reino proclamado pelos desígnios de amor criador. Porque o reino já está presente, e o reino é também uma realidade que se aproxima, e por isso, é escatológico. Tudo o que for feito na perspectiva do reino permanece, o reino já é vitorioso, pois se instala em caráter definitivo na história contingente da vida humana.

O reino é realidade Divina na história humana, mas é também a história humana na realidade Divina. É na edificação do reino que se passa a história humana – e está de fato passando – a realidade divina permanece, mas a realidade Divina é em Cristo ‘*anterior ao ato*’ uma realidade com o ser humano. Deste modo é possível ensejar que na concepção de cada pessoa, o casal humano celebra e diz com Deus “façamos o ser humano à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26).

Para que haja a possibilidade de que os próprios filhos possam habitar o Jardim, o humano é elevado do *húmus* da criação para a vida em esponsalidade, “Caríssimos, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar-nos uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus. Se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é perfeito (1Jo 4,11-12)” (CDSI 32).

A pessoa edifica o reino na história, ao mesmo tempo edifica sua história no reino, por isso o Reino já está misteriosamente presente na história, e aos poucos a história se faz presente no reino. O critério da ação não deve ser a história, mas a misericórdia, o amor, e os valores do reino, ou seja, a esponsalidade com o Criador possibilita, mediante a essência administrativa, edificar o reino de Deus. Quem permanece em Deus é eterno, pois Ele é eterno. O reino é uma realidade eterna – é estar com Deus, e exatamente por isso, já está na história e cronologia humana.

É por ser um cocriador e administrador que o ser humano, precisa desenvolver a gratuidade e o gesto amoroso, neste sentido “a ação do homem sobre a terra, quando é inspirada e sustentada pela

caridade, contribui para a edificação daquela *cidade universal de Deus* que é a meta para onde caminha a história da família humana” (CiV 7).

Nesta obra se é os cocriadores e administradores, em esponsalidade, e se desenvolve porque “o objetivo dessa história da criação não é a volta a uma situação paradisíaca original, mas a revelação da glória de Deus” (MOLTMANN, 1993, p. 299). Assim, a Graça de Deus, antecede o Dom de administrar e cocriar. É mediante a essência administrativa: O Si de Deus, que habita o íntimo humano, no sentido de que, “Deus não somente cria o que é diferente dele, mas também dá-se ao que é diferente” (RAHNER, 1969, p. 105).

Deus possibilita ao ser humano ser à imagem e semelhança, e com isso “Ele está presente no mais íntimo de cada coisa sem condicionar a autonomia da sua criatura, e isto dá lugar também à legítima autonomia das realidades terrenas” (LS 80) e, neste sentido, o “domínio humano sobre a terra é domínio feudal para Deus, é administração da terra para Deus” (MOLTMANN, 1993, p. 323).

Ainda sob a contingência do agir humano, é possível enfatizar que a contemplação vive a vigilância contínua e provedora, para que a ação criadora não assuma outro rumo, e que o livre-arbítrio se faça sob a perspectiva da edificação da vida e vivência humana. Sob estes preceitos Moltmann (1993, p. 323) indaga “Será que o criador necessita de um representante e administrador na terra?”. E diante de sua própria indagação, Moltmann, afirma “Parece que sim, pois Ele encarrega a pessoa de proteger e de continuar o lado terrestre da criação, a qual, com o sábado, encontrou sua forma inicial. As pessoas tornam-se sujeito da história da terra que continua” (MOLTMANN, 1993, p. 323).

Observam-se os termos, proteger e dominar, quando tratados sob o ato amoroso de Deus, ambos os termos são sinônimos, uma vez que “o domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade ‘usar e abusar’, ou de dispor das coisas como melhor agrade” (SS 34), ainda é de se mencionar que o mandado a submeter à terra é um mandado para ser exercido sob o preceito de sociabilidade humana, e não na individualidade.

Ainda sob os termos proteger e dominar, observados sob o mandamento de cultivar e guardar, é possível compreender que “Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma

relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza” (LS 67).

1.4. À IMAGEM DAQUELE QUE GOVERNA

Movimenta-se, agora, no sentido de compreender o ato humano que colabora com o governar de Deus no Reino em desenvolvimento. Quando se diz que o Si de Deus, habita o íntimo humano, enfatiza-se que a relação pericorética de Deus se estende à vida humana e nela a toda a criação. É a *kenosis* de Deus, enquanto imagem e semelhança, sendo possibilitada à vida humana, é então uma relação que possibilita e se faz no “cultivar e guardar” (Gn 2,15), toda criação.

Manter-se em esponsalidade é possibilitar que o agir humano possa ser o ato administrativo de Deus na Criação, é como se fosse *kenosis* humana; é a alteridade entre o ser humano e Deus, de forma que, “a limitação imposta pelo mesmo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente com a proibição de ‘comer o fruto da árvore’ (Gn 2,16-17)” (SS 34).

Cuidar da criação se estende ao cuidado e amor à pessoa, cuidar do Jardim, onde se habita, é um cuidar que resplandece sobre si, o próximo, e toda a Criação, assim, “cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras” (LS 67).

O cuidado e o cultivo são de extrema riqueza para a tradição e vivência cristã, de tal modo que “Deus é Criador e como criador, ao chamar os seres humanos ao relacionamento consciente, ao torná-los sua imagem e semelhança, partilha com os humanos o poder de criar” (SANCHES, 2007, p. 148). O ser humano, quando vive a liberdade em Cristo, percebe-se cocriador e administrador e, ao ouvir de Jesus que “assim como o Pai me enviou, Eu também vos envio” (Jo 20,21) se projeta a compreender os subsídios, as necessidades, e as possibilidades de vida e vivência humana.

A relação de Deus com o mundo é uma relação profunda, amorosa e objetiva, Deus deseja seu administrador e cocriador na plenitude do trabalho, da proteção, do cuidado, e do amor e, por isso, “sob o ponto de vista do Espírito na criação, também a relação de Deus e mundo deve ser vista como uma relação *pericorética*” (MOLTMANN, 1993, p. 368).

Administrar e cocriar são decorrentes da esponsalidade humana com o Criador, e a esponsalidade é um unir-se a relação íntima de Deus em Sua realidade triuna, por isso o humano é capaz de ouvir o Cristo desde o princípio. Evidencia-se que o desenvolvimento humano só se faz em esponsalidade com o Criador, fonte da essência administrativa, porque,

Também a verdade acerca de nós mesmos, da nossa consciência pessoal é-nos primariamente ‘dada’; com efeito, em qualquer processo cognoscitivo, a verdade não é produzida por nós, mas sempre encontrada ou, melhor, recebida. Tal como o amor, ela ‘não nasce da inteligência e da vontade, mas de certa forma impõe-se ao ser humano’ (CiV 34).

É em função da esponsalidade, que se estabelece entre Deus e o ser humano, que se constitui uma relação ‘*pericorética*’, tendo em vista que é dessa relação que se edifica a vida humana em alteridade, e nesse sentido “a verdade não se impõe de outro modo senão pela própria força de verdade, que penetra nos espíritos, ao mesmo tempo suave e fortemente” (OA 25).

A essência administrativa promove a inquietude, a solicitude, e o movimento ao não possibilitado, mediante o esforço, a dinâmica, e a ação o ser humano conhece e compreende que, como imagem viva de Deus, o ser humano “foi querido pelo seu Criador como rei e senhor. ‘Deus fez o homem [...] de forma tal que pudesse desenhar sua função de rei da terra. (...) O homem foi criado à imagem d’Aquele que governa o universo” (EV 52).

O Papa Francisco aponta que “o casal que ama e gera a vida é a verdadeira ‘escultura’ viva, capaz de manifestar Deus criador e salvador” (AL 11). E, nesse sentido, o casal humano, é capaz de dar luz à vida humana, e às novas vidas humanas; vivencia-se então, que “*a glória de Deus resplandece no rosto do homem*” (EV 35).

Quando se enfatiza a parentalidade, enquanto pensamento social da Igreja acredita-se que “de fato, a capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por onde se desenrola a história da salvação” (AL 11). É na atitude de cada pai/mãe, que Deus se torna plenamente Criador da vida humana, e “diante da imensidão do universo, coisa bem pequena é o homem; mas é precisamente este contraste que faz sobressair a sua grandeza: ‘Pouco lhe falta para que seja um ser divino; de glória e de honra o coroastes’ (Sal 8,6)” (EV 35).

O ser humano que administra se propõe a realizar o reino esperado por Deus à vida humana, assim como realiza e torna possíveis vidas humanas. Dar significado e sentido à obra de Deus é também compreender que os sentidos exteriores: a visão, a audição, o paladar, o olfato, e o tato servem como possibilidades de perceber o de fora, mas isso só é possível porque há o de dentro, a identidade de cada pessoa que vai, aos poucos, sendo edificada.

A essência administrativa, que projeta o humano a ser sujeito positivo, ativo, e livre na criação de Deus, o impulsiona a ser cocriador e administrador do Reino, “somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples inatividade. Trata-se doutra maneira de agir, que pertence à nossa essência” (LS 237), a essência administrativa.

1.5. A POTÊNCIA DE SER FILHOS

Administrar a criação em família, é expressão de *práxis* humana, isso porque é mediante a essência administrativa, que Deus potencia o ser humano, a viver no mandado/chamado de ser cocriador. Quando se enfatiza o mandado e o chamado, pontua-se que o mandado se constitui naquilo que o humano já é, e o chamado se pontua em direção do que o ser humano há de ser, portanto, assume-se um reino em desenvolvimento, reino onde o tempo do amor é o próprio ser humano, que se edifica em esponsalidade com o Criador.

É “significativo que, no antigo testamento, a palavra que aparece mais vezes depois da designação divina (*YHWH*, o ‘Senhor’) é ‘filho’ (*Ben*), um termo que remete para o verbo hebraico que significa ‘construir’ (*banah*)” (AL 14), “porque ‘os filhos são uma dádiva! Cada um é único e irrepetível” (AL 170). Quando a pessoa deseja dominar para si, o que foi possibilitado à vida humana, se apropria da terra e dos frutos, tornando-os proibido ao próximo. Quando se subjuga ao lucro e não em ser filhos (*banah*) de Deus, lança-se a terra o sangue de irmãos, a egolatria tem tornado a criação de Deus proibida ao desenvolvimento humano.

Apropria-se da *práxis* gerada, e do próprio conhecimento, negando cura e os devidos cuidados a aqueles que não têm recursos para pagar. É a edificação de uma sociedade meritocrática, a Torre de Babel (cf. Gn 11,1-9), que se constrói enquanto se destrói a comunhão e as vidas humanas. É a parentalidade o fio condutor da vida humana

na história da humanidade. A esponsalidade com o Criador é o fio condutor dos desígnios de amor Criador à vida humana, na criação.

Não há como pensar em um desenvolvimento, compartilhado e participativo, sem o pensar em função dos filhos, que sucederão à administração e cocriação do Reino de Deus, até que o Criador seja tudo em todos. Quando se enfatiza, em função dos filhos, está se referindo aos filhos de Deus. Deve-se pensar em relação aos filhos que, “por conseguinte, não é importante se esta nova vida te será útil ou não, se possui características que te agradam ou não, se corresponde ou não aos teus projetos e sonhos” (AL 170).

O agir de cada pessoa propicia avançar sobre o não possibilitado, e superar as potencialidades, de modo que, “através das forças e das possibilidades do Espírito, o criador faz morada em suas criaturas, vivifica-as, mantém-nas na sua existência e as conduz para o futuro do seu Reino” (MOLTMANN, 1993, p. 33), mesmo por que:

Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas uma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar (CDSI 108).

Aqui é de se notar a interrelação que há entre as vidas humanas na criação, porque não é atribuída dignidade de pessoa aos conscientes “capaz de conhecer-se, de possuir-se e doar-se livremente” (CDSI 108), mas que são estes os que devem zelar da dignidade de toda pessoa concebida. Nesse sentido, pontua-se a importância que cada pessoa tem para com a humanidade, bem como a relação que a humanidade precisa estabelecer para com cada pessoa.

Toda pessoa é potenciada à esponsalidade, isso é, “entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador” (CDSI 108), é todo ser humano um filho de Deus, e “um filho é amado porque é filho: não, porque é bonito ou porque é deste modo ou daquele, mas porque é filho! Não, porque pensa como eu, nem porque encarna as minhas aspirações. Um filho é um filho” (AL 170).

Estar em aliança/esponsalidade com o Criador é reconhecer a vida que há desde a concepção e que, naturalmente, os subsídios satisfazem suas necessidades, e possibilite o desenvolvimento de seu

próprio ser, portanto, não há como se negar que o ser humano é filho/*ben* de Deus, todavia, é no chamado que o ser humano aceita Deus enquanto Pai e Criador, portanto, aparenta-se ao Pai, desenvolvendo-se à Sua imagem e semelhança.

É de se reconhecer a concomitância, entre os processos biológicos e a vontade de Deus de conceber pessoas na genealogia e à imagem e semelhança. O Papa Bento XVI (2008) preconiza que “a todo o ser humano, desde a concepção até à morte natural, deve reconhecer-se a dignidade de pessoa” (DP 1). Cada cultura revela atividades e funções de cada pessoa em sua comunidade, bem como fora dela, de modo que “no centro de cada cultura, está o comportamento que o homem assume diante do mistério maior: o mistério de Deus” (CA 24).

Numa cultura, onde as pessoas estão em sponsalidade com o Criador, se desperta à essência administrativa, que possibilita cocriar e administrar os mistérios de Deus, pois, “as culturas das diversas Nações constituem fundamentalmente modos diferentes de enfrentar a questão sobre o sentido da existência pessoal: quando esta questão é eliminada, corrompem-se a cultura e a vida moral das Nações” (CA 24).

1.6. O HÚMUS DA TERRA É O SER HUMANO EM ESPONSALIDADE

É necessário a sponsalidade com o Criador, isso porque “o homem, separado de Deus, torna-se desumano consigo mesmo e com os seus semelhantes, porque as relações bem ordenadas entre homens pressupõem relações bem ordenadas da consciência pessoal com Deus” (MM 214).

Ao ser humano é possibilitado, sob os desígnios de Deus, edificar-se como administrador e cocriador criado; é preciso, então, que “a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável” (LS 116); assim, a criação de Deus é, também, um ato sob o qual se estabelece o desígnio de salvação que se possibilita à vida humana, nesse sentido,

Feitos novos pelo amor de Deus, os homens são capacitados a transformar as regras e a qualidade das relações, inclusive as estruturas sociais: são pessoas capazes de levar a paz onde há conflitos, de construir e cultivar relações fraternas onde há ódio, de

buscar a justiça onde prevalece a exploração do homem pelo homem (CDSI 4).

Assim foi no princípio, o *húmus* da terra, a vontade do Criador, e o próprio ser humano, quanto ao inspirar, aceitar o ‘Espírito/*Ruah*’ Vontade Divina. Essa realidade anima o ser humano, como administrador e cocriador da Obra de Deus. É perceptível que “o progresso da ciência e as invenções da técnica evidenciam que reina uma ordem maravilhosa nos seres vivos e nas forças da natureza” (PT 2).

Sobre a ordem/harmonia entre as pessoas, as comunidades, e as culturas, observa-se a necessidade de *práxis* humana, visto que os mandamentos de “Cultivar e guardar” (cf. Gn 2,15) e o de “Sede fecundos e multiplicai-vos” (cf. Gn 1,28) são implícitos da concepção humana; por sua vez, a *práxis* humana não deve comportar atos como: matar, mentir, roubar, praticar imoralidade e desonras à pessoa.

É preciso compreender que Deus, no Chamado a Si e o mandado de Si, possibilita ao ser humano compreender que “somente o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si” (CDSI 4). Denota-se que, diante da unipluralidade das culturas, o exercício do amor possibilita que o ser humano possa estar “inserido nesta perspectiva, todo o homem de boa vontade pode entrever os vastos horizontes da justiça e do progresso humano na verdade e no bem” (CDSI 4).

Observar-se que os mandamentos estão associados a atos na criação, em que se vive a parentalidade, a economicidade e a sociabilidade da família humana. São precisamente funções que, quando praticadas, possibilitam ser o administrador da obra de Deus, pois permite que se possa respeitar o “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28) ao mesmo tempo em que se “cultiva e guarda o Jardim” (Gn 2,15).

E, nesse sentido, a investigação, a pesquisa, o ensino, o trabalho, são possibilidades sob as quais as coisas não possibilitadas precisam dimensionar-se para serem auferidas. Os critérios metodológicos precisam fomentar a compreensão de que Deus, no chamado a Si e no mandado de Si, possibilita a cada pessoa desenvolver e conhecer a criação e a agir amorosamente com o que faz. Nesse sentido a ciência, “quando levada a cabo de um modo verdadeiramente científico e segundo as normas morais, nunca será

realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus” (GS 36). A esponsalidade propulsa a essência administrativa, e instiga o ser humano à decisão, porque a razão é humana; todavia, a essência administrativa é possibilitada diante da esponsalidade com o Criador, e na ausência da razão, independente da razão.

É Deus doando-se primeiro à concepção da vida humana, onde a razão é imperceptível aos olhos humanos e, nesse sentido, “quem se esforça com humildade e constância por perscrutar os segredos da natureza, é, mesmo quando disso não tem consciência, como que conduzido pela mão de Deus, O qual sustenta as coisas e as faz ser o que são” (GS 36).

CONSIDERAÇÕES

A oração (orar+agir) revela ao ser humano sua humanidade, sua capacidade de ser à Imagem e semelhança de Deus, e ao mesmo tempo, revela sua condição de criatura amada. Entre o amor e a capacidade de agir em oração e esponsalidade com o Criador, a pessoa é responsável, por ser no mundo criado e em livre-arbítrio, um sinal da presença de Deus.

A potência de ser filhos de Deus, não é mérito da pessoa humana, mas dom, graça e amor de Deus ao próprio ser humano, todavia esse amor, incondicional, é pleno à medida que é correspondido. Neste sentido, a pessoa é, e só é à imagem e semelhança de Deus, isto é, o ser humano quando se afasta de Deus, torna-se desumano consigo mesmo.

Dizer que o ser humano, em esponsalidade e, mediante a essência administrativa, pode ser na criação o ato administrativo de Deus, é compreender ser filhos/*BEN* do próprio Criador, nesse prospecto o ser humano precisa ser pensado como o ser humano no princípio, mas que é destinado, chamado/mandado, a ser com Deus, um ser capaz de desenvolver-se e, assim, assumir seu papel de pessoa que desenvolve o reino de amor, esperançado por Deus às vidas humana.

É de se salientar a importância da esponsalidade com o Criador e, enfatizar que a esponsalidade é primeiramente uma Graça de Deus de dar à Criação do ser humano à sua imagem e semelhança. Em um segundo momento a esponsalidade é uma resposta humana,

práxis de vida e vivência que possibilita que a criação siga os passos de amor e desenvolvimento desejados por Deus.

Enseja-se que, entre a Graça e a Providência Divina há a Essência Administrativa, o ato humano se torna o ato administrativo de Deus no mundo, e assim cada pessoa se torna um movimento de amor, comunhão, fraternidade e desenvolvimento, alicerçando a vida humana enquanto unidade que administra e cocria os mistérios de Deus.

REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. **Caritas In Veritate**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html Acesso em: 29 set. 2017.
- BENTO XVI. **Dignitas Personae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2008. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html> Acesso em: 29 set. 2017.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém. Nova edição revisada e ampliada**. São Paulo: Paulus, 8ª impressão, 2012.
- BRAATEN, Carl E. **A pessoa de Jesus Cristo**. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (editores). **Dogmática Cristã**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 455-551.
- BRAATEN, E. Carl. **Prolegômenos à dogmática Cristã**. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (editores). **Dogmática Cristã**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 25-94.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FRANCISCO. **Amoris laetitia**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html> Acesso em: 29 set. 2017.
- FRANCISCO. **Laudato Si'**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 29 set. 2017.
- HEFNER, Philip J. **A Criação**. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (editores). **Dogmática Cristã**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 273-358.
- JOÃO PAULO II. **Cartas às mulheres**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html> Acesso em: 29 set. 2017.
- JOÃO PAULO II. **Centesimus annus**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1991. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Evangelium vitae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Familiaris Consortio**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1981. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO PAULO II. **Sollicitudo rei socialis**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO XXIII. **Mater et magistra**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html> Acesso em: 29 set. 2017.

JOÃO XXIII. **Pacem in Terris**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1963. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html> Acesso em: 29 set. 2017.

MOLTIMANN, JURGEN. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Tradução: Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAULO VI. **Gaudium et Spes**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 29 set. 2017.

PAULO VI. **Octagesima Adveniens**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1971. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octagesima-adveniens.html> Acesso em: 29 set. 2017.

RAHNER, Karl. **Teologia e Antropologia**. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1969.

SANCHES, Mário Antônio. **Brincando de Deus(!) (?): bioética e as marcas sociais da genética**. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.